

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (30 n.º) 13000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.
 FORA D' AVEIRO: anno (30 n.º) 13125 rs.; semestre (25 n.º) 570 rs.
 BRAZIL, (moeda forte) e Africa oriental, anno... 13500

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 15 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 20 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

UM SANTO

Diz uma antiga lenda, geralmente conhecida, que andando um rei á caça, se perdéra da sua comitiva, e que, sobrevivendo á noite, sem saber caminho nem carreira, dirigido por uma luz que brilhava entre os matagaes, foi dar a uma choupana, onde uma velha resava devotamente no seu rosario. O rei perguntou-lhe por quem eram applicadas as suas orações, ao que a velha, sem saber com quem fallava, respondeu:

—Peço a Deus que dê muitos annos de vida ao nosso rei.

Elle que era cynico e devasso, tornou-lhe:

Pois nunca ouviste dizer que o rei é um homem terrivel, um sanguinario e um despota?

—E' verdade que assim dizem, replicou a velha; mas eu conheci-lhe o pae que, sendo mau, era melhor que elle; e conheci-lhe o avô, que tendo as mesmas inclinações, foi, comtudo, o melhor de todos trez. Peço a Deus que o reinante se conserve por muitos annos, e bons, porque tenho muito medo que o filho deste venha a ser, ainda, peor que o pae.—

Este apologo, que dá a medida do bom senso popular em questões de hereditariedade dos principes, está sendo actualmente invertido pela imprensa progressista, segundo a qual ha todas as esperanças de que o filho saia melhor do que o pae, e pelo menos, tão bom como o tio, senão, ainda mais acrescentado em prendas e virtudes.

Isto, realmente não é serio! Pois nós havemos de estar inteiramente á mercê do acaso

das hybridações das raças «conhecidas» das familias reinantes?

Vejam os que tem produzido a familia de Bragança, desde que subiu ao throno, para não principiarmos a historia, que seria muito longa, desde o momento em que D. João I héu de uma alentejana solteira o primeiro Bragançinha, que pouco depois foi feito duque. Vejam como é bom ser filho de rei, ainda mesmo que se seja filho da Ignez Pires, que assim se chamava a combrança que o deu á luz!! Mas não; sempre será bom dizer, que mesmo antes de subir ao throno aquella familia oriunda do bastardo de um bastardo, produziu trez duques, dos quaes, um mandou matar infamemente seu sogro e tio no fossado de Alfaroqueira, outro apunhalou a mulher, hoje proclamada innocente pelos poetas do «progressismo»; o terceiro tramou contra a independencia da patria, pelo que foi a degolar num cadafalso em Evora.

Mas, vamos a diante. Subiu ao throno D. João IV, senhor de Bragança e de cincoenta villas e castellos, não em consequencia dos seus esforços patrioticos de salvar o reino do dominio estrangeiro. Não senhores: elle foi rei porque lhe pozeram a corôa na cabeça, «malgré lui.» Não era desinteresse, era medo, que escondia entre a frondosa ramaria da sua tapada de Villa Viçosa.

Depois da morte deste grande poltrão sanguisedento, succederam-lhe no throno os seus dois filhos Affonso e Pedro.

O primeiro sahiu um imbecil, um libertino immundo, que entregue em tenra idade ás maiores devassidões de todo o genero, perdeu a virilidade, a vergonha, a mulher e a corôa. Acabou prezo pelo irmão numa sala do paço de Cintra.

O vencedor, que só tinha habilidade para as suas empresas licenciosas executadas com bandos armados, de noite, nas escuras vielas de Alfama, quando se sentou no solio, ainda não sabia escrever o seu nome.

Isto é certificado pelos mais austeros historiadores coevos, que espalharam pelo mundo a graça com que o novo rei aprendeu, mais tarde, a fazer uma garatujá, que queria dizer «Pedro». Casou com a cunhada (!) em Roma, havendo dinheiro, tambem se compra a honestidade; cedeu as nossas mais ricas colonias á Inglaterra, como dote da irman, que foi casar com o filho dissoluto do justicador; e para rematete, subscreveu o infame tratado de Methuen, que arruinou pela base a industria nacional e nos reduziu a uma miseravel colonia da nossa fiel alliada.

Depois, veio João V, de famosa memoria, esse rei garanhão, de uma refinada concupiscencia, hypocrita, duro de coração, fanatico e perdulario; esse rei que tinha a desfaçatez de dizer durante as suas excursões nocturnas ás crastas das freiras de Odivellas, que «perdia a vergonha em transpondo as portas da cidade.» esse rei que tinha a ignobil especulação de pretender remir as monstruosidades proprias com as dores alheias: por cada idyllio passado nos braços de Madre Paula, accendia um judeu vivo no Rocio de Lisboa.

Veiu depois o sr. D. José I. Este deshonorava as mulheres casadas e mandava suppliciar os maridos.

Passemos a diante. Succedeu-lhe uma senhora fanatisada até á demencia pela reacção clerical. Estragou quasi toda a grande obra do Marquez de Pombal.

Depois desta seguiu-se o soancerá D. João VI, que jurava constituições e mentia como quem bebe um copo de agua. Quando viu a patria em perigo, fugiu como um Bragança e deixou o povo entregue á sua sorte.

De então para cá, não queremos revolver o lixo. E' de todos sabida a historia dos perjuros e facciosismos contemporaneos.

Só tocamos num vulto que anda explorado como uma reliquia benta, pelos famintos das facções monarchicas.

Referimo-nos a D. Pedro V.

Este rei foi um phenomeno atavico na familia. Não era politico, era nullo. Foi um sonhador, um mystico, um lyrio, com propensões auctoritarias, que são a mais completa negação dos predicados precisos ao chefe de uma nação representativa. Se vivesse em 1868, quando foram á Ajuda aquelles que hoje exploram a sua memoria, mandal-os-lia correr pelos seus lacaios, ou daria um tiro nos miolos.

Ainda assim, como diz um auctorizado historiador, parece que aquelle moço trouxera do berço a sina fatal de matar os seus melhores amigos. Bastava uma palavra sua, accentuada com uma bonomia fatidica, para tirar a vida a um honrado general, talvez dos que mais serviços prestaram em 1833.

Podemos affirmal-o porque sabemos a triste historia desse drama, e recolhemos o ultimo suspiro do moribundo, José Jorge Loureiro.

Explorem bem o fetiche, porque no coração do povo lavra a historia da velha, e no nosso coração sangra a ferida produzida pelo estoicismo brutal de um santo.

Ernesto Loureiro.

A NOSSA SITUAÇÃO

Ha quem nos accuse de benevolencias e quem nos accuse d'intransigencias. Os progressistas gritam por toda a cidade, e ha muito tempo, que os atacamos a elles com a maxima violencia e que poupámos os regeneradores; estes, se não se queixam de os atacarmos só a elles, queixam-se, pelo menos, de os atacarmos demais. Não costumámos fazer caso d'estas gritarias, porque temos um fim preciso e definido que pretendemos obter e meios pensados e resolutos que nunca abandonaremos; já que os nossos irreconciliaveis inimigos tanto persistem em nos atacar na sombra, demonstrando o horror que têm á luz, dir-lhe-hemos quatro palavras que illucidarão o publico.

Quando o grupo republicano se organizou em Aveiro, todos os seus membros proclamaram a intransigencia com os partidos monarchicos como uma necessidade, uma virtude e a nossa melhor regra politica. Todos sabiam que a monarchia nunca fez senão explorar e ludibriar o povo d'esta terra, que tem sido o juguete constante dos seus caprichos, ambições e rivalidades; e entravam por conseguinte na luta resolidos a combatê-la sem treguas nem descanso em favor da regeneração d'este desgraçado paiz e da prosperidade d'esta pobre terra.

Demais, se nós quizessemos ser benevolentes com os homens da realza não iamós procurar um campo diametralmente opposto ao seu para os combater; se nos faziamos republicanos é porque declaravamos guerra de morte aos monarchicos, com quem d'ahi por deante cortavamos as nossas relações politicas, nada querendo ter de commum com elles.

O verdadeiro republicano ou morre abraçado aos seus principios, ou fa-lós triumphar sem combinações que os manchem e os deturpem. Assim o entendiamos e assim estavamos resolidos a pratica-lo com o respeito devido a quem nos respeitasse.

Dos dois partidos da terra, um, o dos homens da praça, das prosapias burguezas, do dinheiro, rit-se de nós e trocou-nos; o outro, o dos granjolas, com mais cor de popular, fez-nos festas e abraçou-nos. Um homem conhecido do partido progressista elogiou a um dos nossos mais dedicados corre-

mais rapidamente possível algumas recordações de creança, o que o leitor desculpará.

Quando eu era pequeno, habitava com meus paes em Poitiers, na praça do Pilori. N'esse tempo e antes dos caminhos de ferro, Poitiers era uma cidade mais conhecida do que hoje. Os viajantes, que se dirigiam de Paris a Bordeaux, eram obrigados a parar alli, e, depois de terem almoçado no hotel da Europa ou no Trois-Pilliers, iam ver a cathedral e o passeio de Blossac, sem deixarem de se prover de pequenas facas como em Châtelleraut.

Não era coisa facil um passeio por Poitiers, para os que não estavam acostumados a elle. Tinha a gente de se aventurar em ruas escarpadas, sobre uma calçada das mais singulares. Esta calçada era constituída por duros calhaus em forma d'ovos, e a municipalidade, para maior commodidade dos transeuntes, havia resolvido que os calhaus fossem collocados com a ponta para cima. Por isto se comprehende a raridade d'um pé fino e bem calçado em Poitiers.

O estranho que se decidisse a executar nas nossas ruas a dança dos ovos, encontrava algumas vezes a recompensa do seu incommodo. Por muito feia e triste que fosse Poitiers, a velha cidade tinha um certo ar mediavel dos mais interessantes, sem nenhuma affectação de romantismo. Não se encontravam d'essas casas com fachadas de

trabalhos enredados que todos os basbaques vão ver e que o Comité dos monumentos historicos conserva á custa de grandes despesas. Poitiers era naturalmente uma cidade velha. Parecia que deveria sempre ter sido assim e que nunca poderia mudar.

Depois os arredores são deliciosos. Do passeio de Blossac disfructa-se a vista mais agradável do mundo, sobre um valle onde serpenteia o Clain, quasi sepultado sob as largas folhas dos golpãos entre dois ranques de choupos e alamos.

Hoje, com os caminhos de ferro, os viajantes passam por alli a correr, sem se incommodarem a parar para visitar ruas que tem uma reputação perfeitamente estabelecida de fealdade e tristeza, onde a herva cresce muitas vezes á vontade. Só se sobe á cidade quando ha negócios a tratar. Ora é raro que alguém tenha negocios em Poitiers.

De resto, mais alguns annos e a cidade perderá todo o seu caracter primitivo. O imperio achou meio d'estrugar Poitiers. Que se não ria o leitor, porque é verdade. Poitiers foi, não haussmanizada, mas soubeyranizada. (1)

Nella se constituiram, á imitação de Paris, Companhias immobiliarias que abriram ruas e construíram edificios. As ruas são largas; mas infelizmente não tem sahida. O hotel é soberbo e grandioso; uma especie de Hotel do Louvre. Infelizmente, como os viajantes faltam, está sempre fe-

chado. Vê-se que as companhias immobiliarias procedem com o mesmo tino dentro e fóra de Paris.

A praça do Pilori ficou intacta. Era, como o seu amavel nome o indica (pelon-rinho), a praça onde os condemnados eram expostos publicamente, presos á goliatha. Era tambem alli que se realisavam as execuções capitães, conservando-se de pé o cadafalso até á epocha da Restauração. N'aquelle local foi guilhotinado o general Berton em 1821. Muitas vezes me mostraram, na minha infancia, o sitio onde lhe cabiu aquella cabeça generosa. Mesmo ao lado estava a casa sombria do procurador geral Mangin, que pediu a morte para o general Berton e seus coacusados. Este senhor Mangin, que, foi mais tarde prefeito de policia, era um dos melhores typos de procurador geral, que se podem imaginar.

Um dos condemnados a pena ultima, o medico Caffé, não temia a morte, mas tinha horror á guilhotina. Na vespera da execução, seu filho, uma creança de doze annos levou-lhe uma lanceta occulta na sua espessa cabelleira. De noite, Caffé abriu com mão firme a arteria crural. Ao romper do dia, quando lhe entraram na prisão para lhe fazer a toilette, encontraram-no estendido n'um mar de sangue. O carcereiro correu a levar a má nova ao procurador geral Mangin, que exclamou fúto de raiva:

—Se lhe resta um sóopro de vida, levem-no para o cadafalso.

Quanto ao mais, era boa pessoa, o procurador geral.

Depois do general Berton,ninguem mais foi executado na praça do Pilori. Os proprietarios queixaram-se; com razão, de que a guilhotina diminuiu o valor das suas propriedades, e obtiveram que as execuções se realisassem d'ahi por deante fora da cidade. Agora guilhotina-se ao pé da ponte Guillon. Ha nomes predestinados.

A pobre pequena praça do Pilori, tal qual me apparece nas minhas recordações, quasi que era alegre. Estava-se lá como no campo. Os bons dos burguezes passejavam por alli de manhã e á noite, em robe de chambre, ao longo d'uma bella floira de lilias, cujas largas folhas as creanças se entretinham a fazer estalar na palma da mão.

Os paes conversavam sobre politica e sacudiam um junco. Os rapazes brincavam sob a vigilancia das mães, que os espreitavam das janellas. A' tarde, os alumnos da escola official, á sahida da aula, atravessavam ruidosamente a praça, saltando, empurrando-se, dando gritos selvagens que me enchiam de admiração.

Um dia, assisti a uma bella batalha. Os alumnos da escola, os mutuos, como lhes chamavam, pegaram-se com os seus jovens visinhos, os discipulos dos frades Ignorantines. Desafiaram-se para a praça, e as pedras principiaram a voar, que era um goso. Eu, que tinha um horror instintivo pela sotaia, tomei sem hesitar partido pela es-

Folhetim

A. RANC

HISTORIA D'UMA CONSPIRAÇÃO

Introdução

I

A aventura que constitue o assumpto d'esta novella é em grande parte verdadeira. Viveram os conspiradores, cujas lutas ignoradas e dedicação inutil eu vou contar. Os policias, de que se encontrarão aqui os retratos fieis, foram bem e devidamente numerados no ministerio da policia geral. Apenas troquei alguns nomes e prehenchi certas lacunas com cartas e relatorios que me foram communicados. Para explicar de que modo dois dos sobreviventes da Sociedade Secreta dos Irmãos Azues (*Frères bleus*) me tornaram possuidor d'esses curiosos documentos, sou forçado a evocar o

ligionários o que elle chamava—a *re-solução dos artistas*, declarando-lhe que era republicano no fundo e que só estava preso à monarchia por conveniências de barriga.

Outro, importantíssimo no seu grupo, declarou ao mesmo individuo que o consolava immenso o acto dos republicanos, porque *elle* era republicano ha muito. Outro, enfim, chegou mesmo a pretender entrar no centro republicano, o que não conseguiu porque nós, já desconfiados de tanta festa, o repellimos.

Muito bem. Passou-se o tempo e aproximaram-se as eleições camarárias. O partido republicano, pequeno mas cheio de coragem, arranjou a sua lista e apromptou-se para a luta. O que fizeram os dois partidos monarchicos? Procuraram inutilisar-nos.

Os regeneradores, todavia, tentados os primeiros esforços e vendo que eram inúteis, desistiram do negocio observando para comnosco uma consideração louvavel. Os progressistas entenderam que deviam seguir uma politica contraria, politica inepta que lhes tem dado que fazer.

Primeiro procuraram chamar-nos a si com palavras doces e tratos affaveis; depois, como os repellimos, usaram para comnosco d'um procedimento torpissimo que nunca esqueceremos.

Pretenderam estabelecer uma vil intriga entre os republicanos, caluniaram-nos por toda a parte, perseguiram-nos com pequeninas miserias e empregaram uns espiões, de que era chefe o Zésito pequenito, portabandeira da camara, que se diziam republicanos e nos quaes confiavamos, em saberem os nossos segredos electoraes a fim de lh'os irem denunciar. Até ao ultimo instante nos enganaram esses *valentes* espiões, que não corremos com uma tranca, no que talvez errassemos, por um certo espirito de compaixão.

Porem, desde esse dia, o partido progressista que nos abraçara e festejara para assim nos apunhaler era nosso inimigo encarnizado e eterno. Nunca lh'o perdoámos, nunca lh'o perdoaremos.

Se a isto se juntar a pantemínica conhecida dos granjolas, a sua falta de convicções e principios, a vida enodada dos seus primeiros homens, acharão os leitores e os homens serios e independentes ainda moderada a guerra que lhe temos movido na imprensa.

E não fallámos n'umas outras questões importantes que ficam reservadas.

Quanto aos regeneradores é certo terem-nos tratado na localidade, porque é a localidade que nos vimos referindo, com respeito e certa lealdade. Na mesma moeda lhe temos correspondido, sem deixar de os flagellar um só dia, e com vigor, na questão politica. Os progressistas accusam-nos de sermos benevolentes com os regeneradores, isto é, com os amigos do sr. Mendes Leite, do chorado Agostinho Pinheiro e de sr. Carvalho Lima, que, no fim de contas, não pertencem a nenhuma politica definida, e só trabalham por sympathias ou odios, pessoas. Ora quem é capaz de desconhecer a imparcialidade com que temos fustigado

os actos menos regulares d'essa gente? Ninguém, julgamos.

Para nós, tanto valem politicamente os progressistas como os regeneradores. Todos se servem de nós unicamente para servir os seus interesses proprios em detrimento dos interesses da patria. O que lhe importa são as conveniências burguezas de barriga e não as conveniências populares.

Contudo, se temos occasião de mais vezes censurarmos os primeiros é porque elles ainda assim são mais pantomineiros, mais galopins, mais intolerantes e menos serios.

Pelo que toca ás accusações de violencia que nos dirigem pouco temos a responder. E' certo e incontestavel que tratámos ao principio todos os funcionarios e corporações publicas ou officiaes com a maxima benevolencia. Pedimos-lhe com brandura providencias para certas irregularidades e com moderação lhe lembrámos o seu censuravel procedimento. Mas os individuos corruptos que nos dirigem entenderam que se deviam rir de nós e desprezar-nos completamente.

—São balas de papel, diziam, deixa-os gritar á vontade.

Então, vimos que era chegado o momento de descalçar a luva e dar-lhe a cabir. Com tristeza o dizemos: —ha individuos que só receiam um azorrague. De leves puchões de orelhas e palmaditas na cara não se importam.

Francamente, como havemos de tratar hoje o governador civil a quem durante perto de dois annos nos dirigimos com a maxima consideração? E' possivel tratar com deferencia um homem como o sr. Cesar de Sá, que a opinião publica, julga com tanta severidade? E' merecedor de respeito o presidente da camara municipal? Deveriamos empregar palavrinhas doces com esses administradores do concelho, que por ahi andam de costas direitas não cuidando dos seus deveres e ainda por cima caluniam-nos e insultando-nos, como aquelle dos batoteiros?

Por forma alguma. Portanto a nossa linha de conducta é esta que vimos seguindo e não nos affastaremos d'ella. Cada vez é maior o nosso desgano. Não ha muito, por exemplo, houve a eleição da santa casa da Misericórdia. *Debatiam-se regeneradores, constituintes e progressistas.*

Sem nenhum espirito de politica partidaria, porque alli não devia andar a politica apezar de notarmos que principiava a metter no negocio a pontinha do nariz, escolhemos d'entre os contendores uns poucos de nomes, que nos offereciam certas garantias de seriedade e votámos n'elles.

Qual seriedade! Assim que se apanharam no poleiro desataram a fazer politica partidaria accerrima e torpe, com esbanjamentos de toda a especie.

Vê-se, pois, que é impossivel esperar qualquer acto benéfico e util dos homens realistas. Logo o nosso dever é combatê-los sempre e sem treguas.

Nem regeneradores, nem progressistas, nem constituintes. Imparciaes com todos e severo com todos quando for preciso. Benevolencias e respeito para os bons, os honrados, os honestos, Censuras e azorragues para os maus, os deixados e os tratantes.

E' a nossa ultima palavra.

APOIADO!

O nosso amigo, o sr. Carlos Faria, continua na sua louvavel campanha em favor dos interesses materiaes da nossa terra.

Queixa-se de que só nós respondemos ao seu appello. Pois quê! Por acaso o sr. Carlos Faria teve a ingenuidade de esperar que o *Campão das Provincias* e o *Districto de Aveiro* o acompanhassem na luta patriótica que encetou contra os eternos indolentes d'Aveiro? Esses *orgãos illustres* para que servem principalmente é para defender irregularidades partidarias e de magnates conhecidos, atirando pedradas ás escondidas, sem a coragem de atacar de frente a quem ousa pôr o dedo nas chagas.

O nosso amigo, porem, não se incomodará com isso, julgamo-lo bem. O *Povo d'Aveiro* já tem sosinho conseguido bastante. Ao lado do brilhante jornalista republicano muito mais conseguirá, isto é, muito mais conseguiremos, porque enfim já somos *dois*. E *dois* em circunstancias dignas de menção. O *Povo d'Aveiro* francamente republicano; a *Locomotiva* sem ser politica, mas dirigida por um republicano franco, aberto e sincero.

Que o note o povo.
Avante, pois.

BAIRRADA

Aproxima-se a epocha das vindimas. A produção é pequena como já dissemos. A Bairrada terá este anno meia colheita. Se a qualidade for boa e o preço bem refutado, terá o lavrador, ainda assim, uma tal ou qual compensação. Não se falla ainda em transacções grandes de vinhos da novidade proxima, com quanto já se tinha offerecido ensejo particularmente a alguns lavradores de venderem o vinho novo a 275000 a pipa.

O corte das uvas é de crer que comece em toda a Bairrada para o fim da semana, isto é a 29 do corrente.

Tem continuado a inspecção aos vinhedos do concelho d'Oliveira do Bairro, onde as vinhas apresentam sigaes de notavel fraquesa, mas estão ainda livres dos estragos phylloxericos.

Na freguezia de Tamengos onde se descobriram os grandes focos phylloxericos, de que já demos noticia circuncanciada, foram intimados administrativamente alguns lavradores mais renitentes para arrancarem as vinhas que se julgam perdidas.

Na quinta d'Orta faz-se tratamento pelo sulfureto, e os pequenos focos que se encontraram no concelho da Mealhada foram já destruidos pelo emprego d'aquelle poderoso insecticida.

—Tem sabido para banhos muitas das principaes familias da Bairrada. Recolherão agora para procederem aos trabalhos da vindima, que estão reclamando a sua presença.

Por enquanto ainda se faz alegremente este serviço em toda a Bairrada. Ha annos acontecia outro tanto em

tudo o Douro, e hoje a vindima é ali uma tristeza. Que a Bairrada se lembre d'isto, para ver se toma a serio a luta pela existencia dos seus vinhedos!

CARTAS

Lisboa 21 de setembro

A noticia mais importante que hoje poderei dar aos leitores é a da recepção entusiastica e brilhante que o povo do Funchal acaba de fazer ao illustre deputado republicano o sr. Manuel d'Arriaga. O delirio, com que os electores da Madeira receberam o seu representante, consola-nos intimamente porque nos prova que não é uma utopia a regeneração da patria, em que todos trabalhámos.

O povo enganado pela monarchia, descrente nos principios, sceptico para tudo, desperta finalmente para a vida politica e lança-se com entusiasmo na corrente democratica que lhe trará sem duvida novos dias de felecidade e grandeza.

Os monarchicos é que não gostaram muito da ovação feita ao dr. Arriaga. Andavam a gritar que o triumpho republicano da Madeira era um triumpho ephemero, devido a uma irritação passageira da valente população funchalense e ás rivalidades realistas; porem, vão-se convencendo ha certo tempo para cá do engano em que viviam, porque ninguem ignora que a popularidade do sr. Arriaga no Funchal longe de diminuir ia aumentando de intensidade.

A ultima manifestação é a prova completa das grandes e extraordinarias sympathias que alli tem o brilhante tribuno da democracia. Nada será capaz de as destruir, pelo menos n'estes proximos tempos, e pode-se considerar como certa a sua reeleição no momento apropriado.

O sr. Arriaga chegou ao Funchal no dia 8.

Eis como o jornal republicano da localidade—*O Povo* descreve a recepção do eminente orador.

No dia 6 do corrente, pelas 10 horas e 35 m. da manhã, o cidadão Silva Lisboa dirigiu ao presidente do Directorio republicano do Funchal um telegramma annunciando que o dr. Arriaga partira de Lisboa para a Madeira.

A comissão encarregada de promover os festejos em honra d'aquelle sympathico e honrado tribuno popular desenvolveu então aos seus trabalhos a maior actividade possivel. A avenida em frente das ruínas do extinto cides foi primorosamente adornada de flores e buxo; as duas rencas de arvores, que, de copadas, se entrelaçam no ar, tornando quasi inacessiveis os raios do sol, e dando áquelle recinto uma frescura e sombra deliciosas, foram em seus troncos vestidas de buxo e matisadas de flores; no meio dos intervallos das arvores, sobre columnas cobertas de verdura, levantavam-se jarras adornadas de flores, e do meio do verde doce, presos aos ramos, pendiam arames com vidros e pharoes de diferentes côres, forman-

do grandes lustres destinados a uma iluminação realmente surpreendente; as bandeiras tremulando nas arvores e os arcos de buxo no principio e fim da entrada da cidade completavam a decoração do transito que o digno deputado pelo circulo do Funchal devia seguir para o Hotel Central, onde ia hospedar-se, o qual para esse fim estava magnificamente preparado.

Cerca das dez horas da manhã do dia 8, quando houve noticia de que o vapor São Thomé se aproximava do Funchal, ao signal d'uma girandola de foguetes, o povo correu em direcção á praia e apinhou-se sobre as ruínas do caes e entrada da cidade, em numero de dez mil pessoas.

Tres quartos de hora depois assomava ao Garajau o desejado navio, e o vapor Queen, levando a bordo a banda dos artistas e numerosos cidadãos, procurava-lhe o encontro.

Ao aproximarem-se as duas embarcações, appareceu na proa de São Thomé o vulto sympathico e estremecido dos madeirenses, o dr. Arriaga, que foi então saudado com vivas entusiastas, ao estalar incessante de foguetes e ao som do hymno que lhe havia sido dedicado. Assim seguiram os dois navios para o porto do Funchal, onde ancoraram pelas onze horas da manhã.

O mar era sereno e brando, e as ondas vinham mansas affagar a praia e beijal-a com ternura. Do céu azul o sol esplendido banhava de luz a vasta bahia do Funchal e dourava os montes e valles que o circundam. Um escaler conduzindo o presidente do Directorio republicano, um redactor do orgão da soberania popular e um representante do Club Washington, avançou para o São Thomé, afim de trazer para terra o dr. Arriaga.

Desembarcado este juncto dos destroços do caes, o povo alvorotado de indescriptivel entusiasmo e curiosidade, irrompeu em calorosos vivas, ao mesmo tempo que a banda dos artistas tocavam o hymno—Arriaga é reventavam no ar girandolas, de foguetes. Desde o ponto do desembarque até o hotel que estava destinado ao grande tribuno popular, a multidão era tão densa e numerosa, que se tornou quasi impossivel abrir passagem atravez d'ella. Depois de grande dificuldade chegou em fim á varanda do Hotel Central o homem grande pela incorruptibilidade do seu caracter, grande pela magestade do seu talento, grande pela verdade dos principios e sanctidade da causa que defende—a causa da democracia, a causa da liberdade, do direito e justiça dos povos, a causa em fim do evangelho politico das sociedades modernas.

Alli, d'aquella varanda, o vulto magestoso do dr. Arriaga endereçou a palavra ao povo, começando por levantar um viva á gloria e independencia da patria, ás tradições heroicas do passado e ás rissonhas esperanças do futuro. Disse que era pobre e pouco valia; que o seu coração era do povo, e, se elle o queria, vol-o dava de boa vontade, porque era d'elle; que no meio da abrangencia official em que se tem ido abysmando a nossa sociedade ha uma cousa que se não corrompeu, que é a alma popular, manifestando-se na independencia e soberania do

cola secular. Era muito acanhado para me envolver activamente na luta, porem, no momento em que um grupo de Mutuos, esmagado pelo numero, retirava, offereci-lhes como entricheiramento o corredor da minha casa, onde tinha ajuntado um lindo monte de pedras.

Os Mutuos não se fizeram rogar e dirigiram fogo involvente sobre os flancos do inimigo.

O inimigo respondeu com uma saraivada de pedras, que fizeram voar em pedações as janellas do gabinete do meu pae, tranquillamente occupado em folhear uns autos.

Entretanto os professores da escola mutua e os frales corriam de todos os lados para suspender o combate, ajudados por meu pae e outros. Ainda me parece estar a vêr as pernas magras e compridas d'um frade que, para correr melhor, arregaçara a sotaína perseguindo os mais recalcitrantes.

Emfim, restabeleceu-se o socego. Pela minha parte, que me pesavam na consciencia os destroços, das janellas paternas, fiquei um galopin todo triste. Esperava uma grande reprehensão e ia com effeito apanhada, quando um visinho, que entrava para casa em companhia de meu pae, disse: «Vamos, não rabhe com o pequeno, que se collocou do lado dos azues. Foi o sangue que fallou.» Meu pae riu-se e eu fiquei só com o medo.

O visinho que tão bem houvera advogado a minha causa chamava-se Luiz Rocherenil. Morava perto de nós, com sua mãe já muito avançada na idade e um velho padre, o abade Georget, que as boas mulheres do bairro denominavam o abade Leup-Garon.

Quando o encontravam, faziam-lhe um cumprimento humilde e respeitoso, mas assim que voltava costas persignavam-se ou cruzavam os pollegares das duas mãos, murmurando repetidas vezes—*pouve ridé, povec ridé, abernuncio* que era a maneira em voga no Poitou d'afugentar os feiticieiros.

Eu notava isto, com a minha intuição de creança, e tinha medo do abade Georget. Notara tambem que o sr. Rocherenil e o abade passejavam quasi sempre sosinhos na praça do Pílori.

Raras vezes fallavam com os habitantes da terra. Trocavam com meu pae algumas palavras delicadas, mas as suas relações com os outros *habitados* da rua das Tílias limitavam-se a um cumprimento grave e serio, sem serem nunca os primeiros a cumprimentar. Os proprios funcionarios publicos eram os primeiros a levar a mão ao chapéu. Um dia, um commissario de policia, chegado de pouco a terra, cumprimentou-os; mas o sr. Rocherenil e o abade Georget olharam-no tão friamente, que o desgraçado nunca mais voltou á praça.

Para se comprehender a razão porque as boas mulheres das ruas Brévoite, Plageoles e Poire-Cuite se persignavam quando o abade passava; porque lhe chamavam o abade Leup-

Garon; porque os burguezes da cidade pareciam ao mesmo tempo temer e respeitar o sr. Luiz Rocherenil e ninguem ousava sustentar o seu duro olhar, é necessario ser-se *poitevin* ou ter vivido algum tempo em Poitiers.

Respeitava-se Rocherenil porque era rico e em Poitiers quem é rico é respeitado pela burguezia. Temiam-no, porque os chefes do partido liberal, Lafayette, o general Demarçay, Voyer d'Argenson lhe testemunharam constantemente a mais alta consideração, chegando o general Lafayette a hospedar-se duas vezes em casa d'elle. Temiam-no ainda porque o conheciam como audacioso e d'uma resolução inabalavel. Aborreciam-no porque era desleixoso, porque pertencia, dizia-se, a uma familia de terroristas, porque era *babou-vista* (do partido de Babeuf) e partidario da lei agraria, enfim, porque era jacobino. Os burguezes de Poitiers não sabiam ao certo o que era Babeuf e a lei agraria. Confundiam Babeuf com Marat e a lei agraria com a divisão da propriedade. Se a denominação de *partageux* já andasse na moda te-la-hiam applicado certamente a Luiz Rocherenil, que tinha sessenta mil libras de renda em boas terras.

Quanto ao abade Georget, ao abade Leup-Garon, fazia simplesmente a figura d'antecristo. Julgavam-no muito sinceramente vendido ao diabo; não obstante dizia missa todos os domingos, ás sete horas, na capella lateral de Notre-Dame, por autorisação especial do sr. Bouillé, bispo de Poitiers, porque, joven vigario durante a revolução, havia ali-

rado com a batina ás ortigas, sendo um dos que ajudaram a organizar a festa da Razão. Porem, não era por isso que o apontavam com o dedo nem que os beatos e as beatas o amaldiçoavam.

Censuravam-lhe um crime muito mais horrivel:—contava-se baixinho que, sendo vigario da parochia de Saint-Radegond, fora elle proprio que conduzia os demolidores profanos ao tumulo da Santa!

Radegonde é a primeira padroeira da cidade, uma santa proprietaria, santa verdadeira, de milagres, bons e solidos milagres bem acondicionados, dos quaes nunca a officialidade da diocese se viu obrigada a inquirir. Todos os annos os invalidos, machos e femeas, de vinte leguas em redondo, veem a Poitiers fazer uma novena ao tumulo de santa Radegonde, e todos os annos a santinha faz uma ou duas duzias de milagres, exactamente o que se passa nos estabelecimentos hydrotherapicos mais bem montados. Um dia, segundo a lenda, a santa trabalhou para si propria, fazendo um milagre em seu interesse. Era em 1793. Um bando de revolucionarios introduziu-se na igreja. Depois de ter roubado tudo, pondo mão sacrilega nas cousas do altar, os bandidos, menidos de martellos e alvídros, trataram de demolir o tumulo. Todavia, á primeira pancada, ouviu-se um gemido surdo e uma voz que sahiu das profundidades da crypta exclamou:

«Desgraçados, ousaes profanar as reliquias

da serva do senhor! Desgraçados, pensae na vossa salvagão eterna.»

Consternados, os demolidores fugiram abandonando pás, alvídros e martellos. A maior parte (é a lenda que falla) converteu-se. Os restantes morreram n'esse anno de morte violenta.

Como todas as outras, esta lenda é uma burla, uma mentira indigna. Ninguém bolhou em 1793 no tumulo de Radegonde e a santa não teve precisão de fazer um discurso para salvar os ossos, o que foi uma felicidade para o capitão da parochia que tem podido fazer com elles commercio piedoso e lucrativo. Ha pelo mundo igrejas infelizes que se não podem gabar de possuir reliquias tão efficaes como as de Radegonde. Ora uma igreja que não tem lá n'um canto qualquer um santo ou uma santa de primeira cathedra é pouco considerada e as rendas são fracas. N'essa penuria, dirigem-se a confrades mais favorecidos de santos. E' um expediente soberbo. Um expediente soberbo. Um relatório apresentado á Sociedade dos antiquarios de Oeste diz que só em França ha cinco tibias e oito maxillares de Saint-Radegond, todos certificados conformes e authenticos.

(Continua).

(1) De Soubeyran, sub director do credito rural e deputado por Vienne.

suffragio eleitoral, nos prostestos que de toda a parte do paiz se levantam contra a corrupção dos poderes publicos.

Estes são, em resumo, os pontos que nos lembram da oração do digno representante pelo circulo do Funchal.

A noite era immenso o concurso de pessoas na entrada da cidade, cuja iluminação deslumbrava. Uma magnifica orchestra enchia de harmonia o Hotel Central, e o povo que no delirio das suas expansões de saudoso reconhecimento, mostra sempre o ouro do seu coração, applaudiu de tal modo o dr. Arriaga, que o obrigou de novo a dirigir-lhe a palavra sempre inspirada e magnetica.

O discurso em que o dr. Arriaga deu conta aos eleitores de seu mandato causou um enthusiasmo incrível em todo o auditorio.

O illustre deputado percorreu todas as freguezias do seu circulo sendo nellas esplendidamente recebido.

Quando se retirou para o continente, foram-se á praia despedir d'elle milhares de pessoas.

Uma recepção estrondosa, d'aquellas raras vezes se fazem.

Os leitores já tem certamente noticia do crime horroroso da rua da Quintinha.

Constancia das Dores, a miseravel que esartejou o filho sepultando-o no barril do lixo continua no Hospital de S. José, sem mostras de arrependimento. Uma verdadeira fera.

Porto.

EXPOSIÇÃO DE OURIVESARIA

No Palacio de Crystal do Porto inaugurou-se solemnemente no passado domingo, a exposição de ourivesaria e joalheria nacional, promovida pela Sociedade de Instrução, gremio distincto que tem accentuado a sua existencia por uma forma altamente productiva para as artes portuguezas.

A sessão inaugural, realisada no elegante theatro Gil Vicente, presidiu o sr. José Augusto Correia de Barros e assistiu um numero concurso de cavalheiros e damas. A classe de ourives (fabricantes e negociantes) achava-se numerosamente representada.

Fallaram os srs. presidente, Joaquim de Vasconcellos e Almeida membro da commissão auxiliar organisa da em Lisboa e ali presente em maioria.

De todos o que mais conseguiu enthusiasmar a assembleia foi o delegado da commissão lisbonense, pela larga copia de verdades que disse sem temer ferir as susceptibilidades de ninguém.

Uma hora depois de ter sido aberta a sessão, como não houvesse mais quem pedisse a palavra, foi declarada aberta a exposição, passando todas as pessoas presentes á salla onde aquella se achava installada.

A salla

está magnificamente decorada, por uma tal forma que encanta logo á primeira vista. Offerece um aspecto admiravel, onde o bom gosto do decorador se alia ás conveniencias da exposição. Ricas tapessarias adornam as paredes e a cobertura da salla, combinando-se maravilhosamente com as irradiações que a luz arranca ao brilho dos objectos expostos.

Logo á entrada da exposição ve-se levantado um altar, onde se acha a banqueta e frontal de prata fabricados pelo sr. Antonio Pinto da Cruz, do Porto, e pertencentes, o frontal á igreja dos Congregados da mesma cidade e a banqueta á parochial igreja de Bouças, suburbios do Porto.

O frontal, apesar de apresentar um aspecto agradável não é a peça onde podemos encontrar o non plus ultra da arte de ourives, se a analisar-mos detidamente.

O que ha ali que admirar é simplesmente o bem lançado dos ornatos, a boa combinação do desenho e a maneira como o escultor traduzia para barro o risco que lhe fora apresentado em papel. Nada d'isto pertence, porém ás attribuições do ourives nem do sinzelador d'aquella obra. Por um esque-

cimento imperdoavel (senão talvez calculadamente), junto da obra acha-se apenas o nome do fabricante e do sinzelador, como reclamando para si uma gloria que lhes não pertence. Falta ali o nome do auctor do risco, o nosso chorado artista Thomaz Soler e o nome do escultor que levantou os moldes, o laureado Couceiro.

Quem tiver isto em vista não se deixa levar tão facilmente pela ingratião que representa o esquecimento d'aquelles dois artistas no momento da apresentação d'uma obra d'arte que tudo quanto vale o deve a elles e não aos que lá figuram em cartão impresso a capricho.

A banqueta tem para nos, que não somos leigos na materia, bastante mais merecimento artistico, apesar de que nem sempre o bom gosto do executante se manifesta nos diversos detalhes da obra. Vê-se que na execução da banqueta se olhou mais ao que, na ourivesaria de prata, se chama metter vista do que á boa disposição dos ornamentos. Em todo o caso é obra digna de ver-se e que não deshonra nem o ourives nem o sinzelador o sr. José Pereira Bitetes.

Ao centro da salla ve-se a elegante vitrine da Viuva Moreira & Filho a primeira firma expositora pela grandiosa colleção de objectos que apresenta. A vitrine é de seis faces bellamente trabalhada e completamente cheia de magnificas peças de prata. Entre o grande numero d'estas peças, avultam pelo seu merecimento artistico um apparelho para meza trabalhado em galhões lisos em forma de espiral, diversos outros apparelhos de magnificos gostos e apurada elegancia, sobressahindo entre todos um executado á vista d'uma pequena peça ingleza, que é soberbo pela excellente disposição de todo o contorno. A peça mais elegante de todo o apparelho é a leiteira trabalhada a primôr.

Estes apparelhos foram executados na officina do sr. Augusto Cezar da Trindade Machado, uma das officinas que mais se avanteja na perfeição do trabalho que lhe é confiado.

Tambem d'esta mesma officina sahia para a exposição uma delicada salva de tamanho regular, bellamente sinzellada pelo chefe da officina, acima nomeado.

Em volta da salva corre um bem lançado ornato de apurado gosto e o fundo que é d'uso ser guilochado á machina, n'esta salva é todo feito a sinzel accusando o trabalho muita paciencia e muito bom gosto. Do centro da salva, mais vulgarmente chamado ponto do torno, até junto da parte inferior da beira admira-se em caprichosos rendilhados um delicioso desenho levantando a meio relevo com toda a perfeição. E' quanto a nós uma das peças mais artisticas que se encontram no formoso certamen de ourivesaria.

Executado ainda pelo mesmo sr. figura na exposição um primoroso calix de prata, lavrado á imitação d'um outro executado no seculo passado por um sinzelador já fallecido, como naturalmente se devia suppôr. Apesar de ser imitação no desenho, as diversas particularidades do calix estão trabalhadas ao estylo moderno e é pena que o mau lugar em que se achava esta peça no dia da abertura não permittisse ser ella apreciada tanto quanto o deveria ser. Disseram-nos porém, que o calix seria mudado para outro lugar bem como um primoroso cope de prata sinzellado a miniaturas pelo conhecido e laureado artista José Pereira Leite.

Tambem d'este artista se encontram expostas diversas salvas de diferentes tamanhos, que são um primor artistico digno de ser apreciado. Infelizmente o nosso publico não tem a educação artistica que deveria ter para apreciar condignamente aquellas bellissimas obras d'arte. O publico limita-se a achar bonito ou feio aquillo que mais lhe agrada á vista, sem poder avaliar, por deficiencia a muita ou pouca arte que uma qualquer obra encerra.

Para exemplo: ve-se na exposição uma salva feita pelo sr. Bitetes, que nunca chegará a ter metade do valor artistico do sr. Pereira Leite e que era mais admirada pelos leigos que andavam na salla, do que os outros modellos de perfeição artistica.

A salva do sr. Bitetes, não está mal feita, está mesmo muito acima da

vulgaridade mas não pode ainda assim ser comparada com as que se apresentavam executadas pelos outros artistas.

O que tem é os ornatos mais vistosos. D'ahi a admiração publica!!! (Prosegue)

Alberto Bessa.

COMMUNICADO

Sr. Redactor:

Li com surpresa no seu acreditado jornal n.º 85 o Povo de Aveiro uma noticia sobre o assassinato perpetrado ultimamente em Fermentellos pelo estudante João Fernandes dos Reis Junior.

Com surpresa, digo eu, não porque deixo de estar bem conhecedor d'esse lamentavel assumpto, mas porque vejo na apreciação de todos os factos relativos a elle, um completo desvio da verdade, a que, talvez uma informação menos justa desse origem. Como disse eston á par da questão, não só porque n'ella entrei na qualidade de perito, mas por informações que tenho obtido de pessoas fidedignas de Fermentellos, e das proprias testemunhas d'accusação.

Permitta-me, sr. redactor que em taes condições venha expor bem claramente o facto tal qual se deu, addicionando a esta narração a expressão franca e sincera do meu sentir.

Eis o caso: Haverá proximo a um mez que se ventila uma questão de aguas de entre alguns proprietarios de Fermentellos, e outras de Mamodeiro, e Os da Ribeira, povoações circunvisinhas d'aquella, e por cujo motivo, e em algumas noites consecutivas se chogaram a trocar tiros de balas, com o conhecimento e acordo da auctoridade local.

D'estes não houve, felizmente, como poderia haver desgraça alguma a lamentar, ainda que aquelle tiro só tinha por fim amedrontar os intrusos. João Fernandes dos Reis lavrador do lugar e freguezia de Fermentellos, tem no limite d'aquella povoação uma terra de sementeira que em certo e determinado tempo costuma regar, acontecendo porém que por varias vezes alli lhe fossem desviar a agua na occasião em que ella corria para o referido predio. João Fernandes dos Reis, já impaciente com as continuas provocações dos seus adversarios, ordenou a seu filho João (que então passava as feras no lar de sua familia) que fosse vigiar aquella propriedade.

O mancebo inexperiente, submettido á ordem terminante do pae, e impellido pelo fogo provocador dos desoitto annos, fez-se munir d'uma arma d'um só cano carregada com quartos de balla, e dirigiu-se ao local indicado. Alli encontrando-se com um guarda dos arzoaes, e outros quiddos que estavam para o fim esperou a occasião de encontrar os individuos que costumavam desviar-lhe a agua do predio.

Momentos depois sentiu mecher na agua a uns trinta metros de distancia, pegou na arma e desfechoo, apontando para muito a quem d'aquella local, isto é para um ponto iguidistante do sitio onde se sentia mecher n'agua, e aquelle d'onde partiria o tiro, mas tão desastradamente que momentos depois ouviu gritar: Ah! que mataram o Manuel Mamodeiro. O criminoso dirigiu-se ao local do sinistro e ali encontrou um seu amigo lutando com as ancias da morte, quando, por acaso passava por um atalho junto ao predio em questão. O guarda tambem descarregou um dos tiros da arma de dois canos que levava, mas dizem que para o ar. A noite estava muito escura, dizendo as proprias testemunhas que não era possível ver-se coisa alguma, aquella distancia.

Conclue-se porém que em João Fernandes dos Reis Junior não havia o firme proposito de assassinar o Manuel Mamodeiro:

- 1.º porque o tiro não foi dirigido para o local onde se desviavam as aguas
2.º pela triste coincidência de ter sido victima da descarga, um amigo do criminoso
3.º porque João Fernandes dos Reis Junior pediu aos seus companheiros que o matassem, o que lhe dessem uma arma para se matar, quando viu com desespero o funesto resultado da sua levandade. O criminoso chegou a casa, levou a arma, e depois de ter confessado a todos os que encontrava o crime que praticara, marchou para Lisboa, onde depois foi preso pelos policias Castello-Branco, e Maldonado; d'ahi remettido á administração do concelho de Oliveira do Bairro e d'esta para o juizo de direito da comarca d'Avadia, no dia immediato.

E' esta a verdade, sr. redactor. Para demonstrar que ha um grandê desvio da verdade na apreciação que se faz no n.º 85 do seu acreditado jornal sobre os factos ultimamente succedidos em Fermentellos, e na villa de Oliveira do Bairro, basta acrescentar ao que fica dito:

- 1.º que o criminoso deu um só tiro, e não dois como se diz.
2.º que não consta, nem ninguém affirma com verdade que em Fermentellos, n'aquelle ou n'outro qualquer local se tenha morto algum, apesar de ter havido troca de tiros como já disse.
3.º não consta nem apparece ninguém que diga que o criminoso andava a alliciar gente por paga ou de graça para cometer o crime.
4.º que na estação d'Oliveira só esperavam o estudante vindo de Lisboa, o pae, e um irmão, e não desenas de pessoas de Fermentellos ea padralhada da Villa como tambem se dizia.

Em meio da estrada d'esta Villa á estação do caminho de ferro, passavam n'essa tarde o reverendo Antonio Areiro, e o secretario da administração, que seguiram, como eu, o estudante acompanhado dos policias de Lisboa, pela simples curiosidade de ver um assassino nosso visinho, e que aqui era pouco conhecido.

Sr. redactor: eu não venho a impugna arvorar-me em defensor d'um criminoso.

Não tenho o minimo empanho em ver que a sociedade deixe de exigir a reparação que as leis lhe permittam, por que desejo justiça, e sempre justa; venho simplesmente expor a verdade, para evitar comentarios menos justos a que as diferentes apreciações feitas por individuos extranhos ao assumpto, possam dar origem.

De V. etc. Leonel Maia.

Oliveira do Bairro, 14 de setembro de 1883.

Façonha jesuitica!!!

Ante-hontem á noite foi hospedarse no Hotel da Boa-Vista, d'esta cidade, um individuo que acompanhava uma creança de dez annos d'idade, a qual lhe tinha sido entregue em Coimbra por uma agente dos jesuitas.

O melro dirigiu-se á dona do hotel e pediu-lhe um quarto com uma cama, dizendo-lhe que a pequena era sua filha, o que ella não acreditou.

A proprietaria do hotel achou pouco moralisador a pequena dormir com o homem e mandou recado ao quarto do individuo, pedindo-lhe para elle deixar a creança dormir com ella. O homem concedeu.

A criança, acariciada pela proprietaria do hotel, disse não ser filha do homem que a acompanhava, mas sim, chamarse Maria Perpetua, filha de Maria Bitta, moradora na rua do Principe, em Lisboa. Disse mais, que por intervenção d'uma Condessa tinha sido entregue a uma senhora que a acompanhou até Coimbra, e que esta a tinha recommendado ao homem que a acompanhava, para dar entrada no coio das irmãsinhas d'Ihavo.

A autoridade teve conhecimento do caso e telegraphou para Lisboa. Até á hora em que escrevemos, nada mais podemos acrescentar.

O homem que acompanha a creança acha-se detido no hotel e vigiado por um official da administração do concelho.

Entregarem uma menina a um jesuita, foi o mesmo que offerecerem a innocente ovelhinha... ás garras do esfaímado lobo, com a unica differença de que este come a carne e aquelle rouba a virtude, traz a desgraça e as lagrimas. Aquelle é o verdugo insaciavel de tudo quanto ha de bom e nobre; é a mais daninha e perigosa fera que ameaça devorar a Luz, a Liberdade, a Justiça e a Fraternidade, é um malvado, para o qual todas as punições severas e mortíferas não chegam para ajuste dos seus grandes e horribeis crimes.

Todos os governos que os deixarem estender os seus arraiaes, que os deixarem praticar os maiores crimes, que não os mandarem desterrar para sempre serão julgados pela nação como traidores!

Desterrem esses malvados e livraão o reino d'uma praga.

Por falta de espaço não nos foi possível publicar no numero passado o communicado que hoje damos á publicidade, firmado por o nosso presadissimo amigo o sr. Leonel Maia, o qual é uma refutação á noticia publicada no n.º 85 do nosso jornal, sobre o crime de Fermentellos.

Creia o nosso amigo, que ligando toda a consideração ás suas palavras, que para nós merecem tanto respeito como a pessoa que as escreveu, nem sor isso deixaremos de lhe dizer, consciô da verdade dos factos que narremos, que ficamos no campo aorde fomos collocados pelos nossos informadores, que tambem para nós são pessoas de credito equal, aquelle que nos merece o nosso amigo o sr. Leonel.

No entanto, pedimos licença para dizermos ao nosso amigo, que fazemos nossas as palavras dos nossos informadores, e que elles, melhor do que nós, poderão responder ao seu communicado, se assim julgarem conveniente, ainda que o communicado do sr. Leonel, serve apenas de attenuante ao criminoso, que nos dizem não merecer a protecção que lhe querem conceder.

E ahí vamos nós bradar no deserto!

No entanto, as queixas são tantas, que não podemos deixar de attender aos queixosos e satisfazer-lhe os seus justos pedidos.

Elles bem sabem que é tempo perdido, instar com a camara municipal d'este infeliz concelho para cumprirem com os seus deveres, mas como conhecem a força dos seus direitos, pedem-nos

para convidarmos a sr.ª camara a dar um passeio até á rua Côga do logar d'Arada, para que os conspicuos camaristas vejam o pessimo estado em que ella se acha.

Aquella rua está intransitavel e é um perigo para os carros que por alli transitam. Mesmo a cavallo não se pode por alli passar, e quem se atrever a fazel-o, está em risco de ver o pobre animal fracturar alguma das mãos ou alguma das pernas.

Finalmente o lastimoso estado em que se acha aquella rua é vergonhoso e pede os necessarios reparos, a fim de se evitar alguma desgraça.

A camara tem por dever attender aos interesses de todos os seus municipios, porque todos contribuem para o coife municipal, e portanto, todos tem direito aos melhoramentos de carecem.

A companhia equestre gymnastica acobratice e mimica, sob direcção de Mr. Giovanni Ferroni, acaba de chegar a esta cidade, com fim de dar hoje o primeiro e ultimo espectáculo, na Praça dos Touros d'esta cidade.

A companhia alem de dar um variado e recreativo espectáculo, executando trabalhos arrojados, apresenta pela primeira vez, n'esta cidade a joven artista Aveirense, Maria Modesta.

Recomendamos ao publico o espectáculo d'hoje, porque a companhia é digna de toda a protecção.

Olha o Zé como já vai sacudindo a albarda! Olhem o imposto do sal, como já vai produzindo os seus effectos!

No domingo passado, houve n'esta cidade um pequeno reboliço, entre os marnotos e alguns guardas d'alfan-dega. Felizmente os luctadores conti-veram-se, e por isso não houve ferimentos. Ainda assim, os guardas pucharam pelas suas durandanas, ameaçando os laboriosos marnotos. Da impudencia dos guardas, podia resultar um serio conflicto.

Isto foi um simples aviso de tempestade; mas no proximo inverno, quando a fome apertar, talvez as coisas tomem um triste rumo.

Mais impostos real patrão!

Bravo! Bravissimo!!! Tivemos baptisado civil pelo sexo feminino na freguezia de Esgueira, povoação proxima d'esta cidade.

As tres creanças que Joanna Rigorita, teve de uma assentada, foram baptisadas por uma bruxa, por nome Maria Caseira!!!

Aonde estava a padralhada? Sacrilégio! Gritaram os reverendos quando souberam d'esto attentado contra a religião.

Mas de nada valeu a gritaria jesuitica, porque as creanças lá foram para o coio; e a bruxa riu-se do reverendo prior, que não estava em caza, e do reverendo acolytho que andava em passeio.

Bravo! Bravissimo! Seja tudo em louvor da Santa Igreja de Roma.

Informam-nos de que é irregular o serviço do caminho de ferro na estação d'Aveiro, porque o movimento é alli muito, e o pessoal pouco. Logo, é a companhia a culpada e a responsavel por os danos que alli dimanem e não os empregados, pois que o serviço para 10 ou 12 homens, não pôde ser feito com zêto e a horas por 6, demais a mais dormindo elles apenas 4 a 5 horas!

Em Portugal é assim: escravizam-se todos os pequenos, roubando-lhes tres partes do seu salario; e mandam-se passeiar os grandes, pagando-se-lhes gostosamente e com toda a promptidão.

Desgraçado paiz! Só uma evolução politica, acabará com esta podridão, a que chamam regimen monarchico.

As chuvas de hontem viêram dar a terminação á colheita do sal, por este anno.

A quantidade existente é pequena, como dissimos no nosso ultimo n.º, mas maior é a ausencia de compradores. O seu preço, é de 20\$000 reis o barco. E o imposto correspondente a esta medida é de cento e tantos mil reis!!!

Custa mais o imposto, do que o sal!!!

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO

Hoje 23, pelas duas horas da tarde, ao sul da Barra de Aveiro, será arrematado, o visto e não visto, do naufragado hiate GLORIA DE PORTUGAL.

AVIZO

As guias sobre petroleo, que até aqui eram fornecidas em casa do sr. Miguel Ferreira d'Araujo Soares, de hoje para o futuro serão fornecidas na Loja Nova de José Maria da Oliveira Vinagre, na Praça da Fructa d'estacidade.

SINGER!

A MAIS IMPORTANTE COMPANHIA DO MUNDO!

GRANDE NOVIDADE

A COMPANHIA FABRIL SINGER

apresenta ao publico um magnifico sortido das suas excellentes e mais modernas

PRIVILEGIO EM PORTUGAL POR 20 ANOS



GARANTIA POSITIVA E ILLIMITADA

DE

LANCADEIRA OSCILLANTE

E' esta a revolução mais completa que tem havido nas machinas de costura; trabalho facil e perfeito. O pesponto o mais elastico e o mais perfeito.

Para se convencerem da verdade vinde ás casas abaixo indicadas onde se darão todos os esclarecimentos. ENSINO GRATIS! CONCERTO GRATIS!

500 reis semenaes, e 10 por cento a dinheiro.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

COMPANHIA FABRIL SINGER

75, Rua de José Estevão, 79 Pegado ao Edificio da caixa Economica

AVEIRO

52, Largo da Praça, 53

OVAR

N. B. Em Espinho vende-se tambem na casa de Carlos Evaristo Felix da Costa.

VENDEM-SE

Duas commodas de nogueira preta de raiz, com pedras de marmore branco.

E' o mais bonito e melhor que se pode encontrar em nogueira preta. Quem as desejar vêr e comprar, pode dirigir-se á

5—Rua d'Alfandega—6

AVEIRO

Vinho de Bucellas

No Restaurante do THEATRO AVEIRENSE, que se acha aberto todos os dias, das 3 horas da tarde até á meia noite, encontram-se á venda, alem de outras bebidas, excellentes vinhos do Porto e de Bucellas, sendo estes antigos, e pertencentes á Quinta da Romeira, propriedade que foi do fallecido sr. Marquez de Castello Melhor.

Tem tambem á venda tabacos das principaes fabricas, doce e outros artigos. Preços Commodos.

NOVIDADE!

Ourivesaria Manu-

factora

14—RUA DAS BARCAS—16

AVEIRO

José Eduardo Mourão

GUEDES D'OLIVEIRA

(Tito Litho)

CAUSTICOS

Um volume de versos humoristicos, nitidamente impresso, com retrato do autor.

Preço 300 réis

Já está á venda nas principaes livrarias do Porto, Lisboa e provincias.

Qualquer requisição de exemplares, deverá ser feita á empresa da Bibliotheca Romantica Portuense, rua de Santo Ildefonso 394—Porto.

NOVIDADE LITTERARIA

CRIMES DE UMA ASSOCIAÇÃO SEGRETA

Ultima e mais interessante publicação

DE

XAVIER DE MONTEPIN

Auctor dos romances: AS DOIDAS EM PARIS, O FIACRE N.º 13 e MYSTERIOS DE UMA HERANÇA, publicados pela mesma empresa

Esta obra cheia de interesse pelas suas situações, que continuamente prendem o leitor, será illustrada com excellentes CHROMOS a finissimas côres e com magnificas GRAVURAS.

GADA CHROMO 10 RÉIS—50 RÉIS POR SEMANA

Oiro, 100\$000 réis, oiro

Sendo 50\$000 réis com o 4.º premio
30\$000 réis com o 2.º
20\$000 réis com o 3.º

Da loteria de Madrid. que a empresa fixar

BRINDE

BRINDE

Cada assignante, tendo pago o que estiver publicado, conforme as condições, receberá oportunamente aviso da data da loteria e uma cautella de CINCO NUMEROS na semana anterior á do sorteo. Qualquer dos tres premios será satisfeito a quem se apresentar com a cautella correspondente.

Brinde a todos os assignantes no fim da obra

Um album (n.º 2) com quinze vistas dos principaes monumentos da cidade do Porto

A empresa continuará offerecendo aos seus estimaveis assignantes em cada obra outros albums de vistas, proporcionando-lhes assim uma collecção equal e escrupulosamente disposta dos monumentos mais notaveis de Portugal. O album (n.º 1) já prompto contém as seguintes vistas de Lisboa:

Panorama tirado do Castello de S. Jorge (4 paginas), Praça do Comercio, Arco do Triunpho e estatua de D. José I, Praça de D. Pedro IV, Praça de Camões, estatua do duque da Terceira, Igreja da Estrella, Palacio das Côrtes, Camara dos Pares, Real Theatro de S. Carlos, Igreja da Sé Patriarchal, Graça e Monte, vista tirada de S. Pedro de Alcantara.

Veja-se o prospecto da empresa editora Serões Romantico de Belem & C.ª rua da Cruz de Pau, 26, Lisboa.

ATTENÇÃO

João Antonio da Graça, acaba de receber um grande sortido de balões venezianos, assim como uma grande collecção de bandeiras, as quaes aluga por preços muito commodos.

O mesmo annunciante se encarrega da collocação de illuminação nos arraiaes, assim como adornamentos de ruas.

Aveiro, Rua de José Estevão n.º 24.

GOMES LEAL

A REVOLUÇÃO EM HESPANHA

E OS FUSILAMENTOS

CARTA AO EXERCITO PORTUGUEZ

PREÇO 200 RÉIS

João José Baptista-Editor. Acha-se á venda no Kiosque do Rocio. Lado Norte—Lisboa.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia.

Abatimento para revender.

NO PRELO

Musa Velha

POR

FRANCISCO PALHA

Um volume em papel chamois e typo elzeviriano.

PORTO

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

RUA DIREITA

AVEIRO

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

SEM COMPETIDOR

Na secção dos annuncios: cada linha..... 15 rs.
No corpo do jornal: cada linha..... 20 rs.

N'esta typographia executa-se artisticamente todos os trabalhos concernentes á arte typographica, para o que tem uma escolhida e variada collecção de phantasias e vinhetas modernas, que acabou de receber. Incumbe-se de todos os trabalhos, taes como: circulares, facturas, bilhetes de visita e de pharmacia, participações de casamento, chancellas, prospectos, mappas, programmas, editaes, guias, e recibos, etc, etc, etc; Tambem se imprime a côres, ouro, prata, bronze, etc.

Garante-se a brevidade, nitidez, e sobre tudo a modicidade nos preços.

OFFICINA DE SERRALHARIA

DE

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

4---Largo da Apresentação---6

EM

AVEIRO

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8\$000 a 1\$400.

Fabrica de Bolacha e Biscoutos

AUGUSTO DA SILVA TEIXEIRA
CONVENTO DA ESTRELLA
COIMBRA

BOLACHA		BISCOUTOS	
	Kilo		Kilo
D. Luiz	220 rs.	Limão 1.ª	220 rs.
Franceza 1.ª	230 »	» 2.ª	210 »
» 2.ª	210 »	Canella 1.ª	220 »
Agua e Sal 1.ª	240 »	» 2.ª	190 »
» 2.ª	230 »	Lacinhos	250 »
Leve	210 »	Suissos	400 »
Torrada	240 »	Belgas	320 »
Requife 1.ª	360 »	Paciencias e Marialvas	400 »
» 2.ª	260 »	Linguas de gato	400 »
» 3.ª	220 »	Palitos amendoa 1.ª	360 »
Erva doce	170 »	» 2.ª	320 »
Amores	360 »	Canella	220 »
Pão de Ló		Limão	240 »
» em fatia torrado		Deliciosas	320 »
Pemzinhos	360 »	Estrellas	400 »
Primores	400 »	Corças a Camões	320 »
Bolo inglez, duzia	200 »	Marquinhas	320 »
		Pauperios e Bisc. Porto	220 »

N. B.—Os preços acima mencionados não tem desconto.

COMPANHIA

DAS

Messageries Maritimes



A Empresa promotora, por contracto com a dita companhia offerece passagem nos magnificos paquetes francezes a sahirem de Lisboa:—ORENOQUE em 8 de setembro, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres. SENEGAL em 23 de setembro directamente ao Rio de Janeiro, Montevideo e Buono Ayres.

A mesa de 1.ª classe é commum para os sr.ªs passageiros de 2.ª.
Tracta-se em AVEIRO, Agencia Central, com PAULO DE SOUSA PEREIRA
48—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—50